



## **Edição e estudo de outros lemas e equivalentes relativos à figura do "mandarim" num dicionário manuscrito de português-chinês do século XVIII**

Edition and study of other entries and equivalents related to Mandarin in a Portuguese-Chinese manuscript dictionary from the 18th century


Anabela Leal Barros<sup>1</sup>

0000-0002-2959-9200 

Ana Ng Cen<sup>2</sup>

0009-0008-6771-0214 

Xiao Wang<sup>3</sup>

0009-0004-8889-9037 

<sup>1</sup> Centro de Estudos Humanísticos, Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas, Universidade do Minho, Portugal.

<sup>2</sup> Departamento de Tradução e Interpretação Chinês-Português, Faculdade de Línguas e Tradução, Universidade Politécnica de Macau, Macau.

<sup>3</sup> Departamento de Línguas Europeias, Faculdade de Línguas Estrangeiras, Universidade Normal de Fujian, China.

Autor correspondente: aldb@elach.uminho.pt

**Resumo.** Na sequência do artigo intitulado “A figura do mandarim num dicionário manuscrito de português-chinês do século XVIII”, no qual se editaram e estudaram cerca de metade das entradas ou lemas relativos ao mandarim, comparando essa informação com a presente noutras obras lexicográficas e gramaticográficas em português e chinês, apresenta-se neste trabalho a segunda parte dessas entradas e ainda alguns equivalentes chineses específicos incluídos em entradas gerais em português, abarcando aspetos complementares relativos à figura do mandarim, seus privilégios, família, local de trabalho, utensílios próprios ou exclusivos, etc. Contextualiza-se passo a passo essa informação tanto no âmbito da história das línguas chinesa e portuguesa como dos estudos socioculturais e históricos, já que se trata de lemas e equivalentes muito informativos quanto à língua, à sociedade e à cultura chinesas, revelando uma evolução merecedora de estudo.

**Palavras-chave:** Lexicografia português-chinês. História do léxico chinês. Filologia portuguesa e chinesa.

**Abstract.** Following the article entitled “The figure of the mandarin in a handwritten Portuguese-Chinese dictionary from the 18th century”, in which around half of the entries or lemmas relating to the mandarin were edited and studied, comparing this information with that present in other lexicographic and grammaticographic works in Portuguese and Chinese, this work presents the second part of these entries and also some specific Chinese equivalents included in general entries in Portuguese, covering complementary aspects relating to the figure of the mandarin, his privileges, family, place of work, own or exclusive utensils, etc. This information is contextualized step by step both within the scope of the history of the Chinese and Portuguese languages and sociocultural and historical studies, as they are very informative headwords and equivalents regarding the Chinese language, society and culture, revealing an evolution worthy

of study.

**Keywords:** Portuguese-Chinese lexicography. History of the chinese lexicon. Portuguese and chinese philology.

## 1. Introdução

Durante a transcrição do dicionário de português-chinês do século XVIII, inédito, correspondente ao códice 3306 da Biblioteca Nacional de Portugal, que temos levado a cabo desde 2014, tornou-se evidente o interesse de extrair e investigar conjuntamente todos os verbetes relativos à figura do mandarim, uma vez que não abundam noutras obras lexicográficas as informações a ele concernentes, achando-se a palavra mandarim praticamente ausente de dicionários bilingues posteriores, como os de Joaquim Afonso Gonçalves (*Diccionario portuguez-china*, 1831, e *Diccionario china-portuguez*, 1833).

O códice em estudo, a publicar em breve, apresenta trinta verbetes nos quais a figura do mandarim é referida (através do emprego desta palavra), seja logo nos lemas em português seja especificando uma aceção chinesa de uma entrada geral, ou seja, como equivalente, com o respetivo significado etimológico indicado sob os caracteres chineses; neste trabalho apresentaremos a edição semidiplomática da segunda metade dos lemas e ainda dos equivalentes específicos de lemas ou entradas gerais, acompanhados da fotografia das linhas correspondentes do manuscrito. O conjunto de toda esta informação lexicográfica – cuja primeira parte, que caracteriza mais diretamente o mandarim, foi editada e investigada no artigo “A figura do mandarim num dicionário manuscrito de português-chinês do século XVIII”, contextualizada em termos literários, históricos e culturais, recorrendo a fontes lexicográficas chinesas e portuguesas antigas, mas também a estudos contemporâneos – permitirá um conhecimento mais abrangente da figura do mandarim e, sobretudo, a formulação de interrogações conducentes a investigação futura mais aprofundada, para a qual a comunidade científica muito poderá contribuir, na respetiva área de estudos, a partir da edição destes verbetes e do seu estudo prévio, de âmbito necessariamente geral, dada a extensão do *corpus* e a riqueza dos problemas linguísticos e históricos que levanta, irreduzível à economia de um artigo, ou mesmo dos dois trabalhos em que foi possível apresentá-lo.

No dicionário manuscrito surgem referidos, ora como lemas ora apenas como equivalentes (dentro de uma entrada geral), *abano do mandarim* (1); *abater ou tirar de mandarim* (2, vd. 16); *acrescentar o rei mais algum mandarim* (3); *acusar ou fazer petição ao mandarim* (4); *audiência do tenente de mandarim* (5); *apontar o mandarim* (6); *atormentar de mandarim* (7); *botar o mandarim os bambus* (8); *Cha yuên, nome de um mandarim* (9); *colégio de mandarins* (10); *colegial do rol dos mandarins* (11); *cunhos, sinete [de mandarins]* (12; vd. 15, 30); *dar conta a mandarim* (13); *dar fiança diante dos mandarins* (14); *dar um selo de mandarim* (15; vd. 30); *descer de mandarins* (16; vd. 2); *delegado mandarim* (17); *devassa dos mandarins* (18); *escrivão de mandarim* (19); *filha de mandarim* (20); *informar os mandarins* (21); *mandarim* (22), *mandarim culpado* (23); *mulher de mandarim* (24); *morrer [o mandarim]* (25); *orelhas de mandarins [do chapéu]* (26); *paço do mandarim* (27); *pajem de mandarim* (28); *renda de mandarins* (29) e *selo*

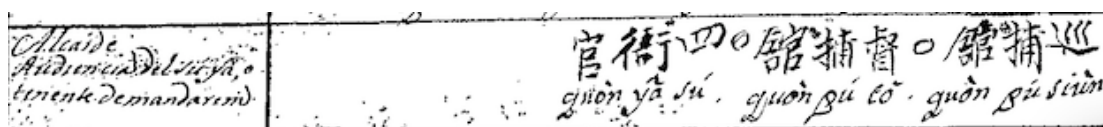
(*diz que se usa para os mandarins*)<sup>1</sup> (30, vd. 15).

Tendo já editado e comentado num primeiro artigo as entradas relativas ao próprio mandarim – *mandarim* (22), *mandarim culpado* (23); *Cha yuên, nome de um mandarim* (9); *delegado mandarim* (17) e *renda de mandarins* (29), bem como as mais caraterizadoras da sua atividade profissional – *abater ou tirar de mandarim* (2, vd. 16); *acrescentar o rei mais algum mandarim* (3); *acusar ou fazer petição ao mandarim* (4); *atormentar de mandarim* (7); *botar o mandarim os bambus* (8); *dar conta a mandarim* (13); *dar fiança diante dos mandarins* (14); *descer de mandarins* (16; vd. 2); *devassa dos mandarins* (18) e *informar os mandarins* (21) – ocupar-nos-emos neste trabalho dos lemas que o caracterizam menos diretamente: *alcaide / Audiencia del sú yâ*, (5); *apontar o mandarim* (6); *colégio de mandarins* (10); *colegial do rol dos mandarins* (11); *escrivão de mandarim* (19); *filha de mandarim* (20); *mulher de mandarim* (24); *morrer [o mandarim]* (25); *orelhas de mandarins [do chapéu]* (26); *paço do mandarim* (27); *pajem de mandarim* (28) e *selo (diz que se usa para os mandarins)* (30, vd. 15).

Identificámos ainda uma terceira categoria lexicográfica relativa ao mandarim nos verbetes de lemas gerais que apresentam equivalentes chineses a ele concernentes, com inclusão desta palavra portuguesa como seu significado literal, que também editamos e estudamos neste trabalho: *abano*, com o equivalente 掌扇 (*zhǎngshàn*), *que levam os mandarins para se cobrir do sol* (1); *abater*, com equivalente 裁抑 (*cáiyì*), *tirar de mandarim* (2); *cunhos, sinete*, com equivalente 印號, *yín haó, de mandarins* (12) e *dar um selo*, com equivalente 打印 *tà yín* ([selar] de mandarim) (15).

## 2. Verbetes relativos aos mandarins

### 2.1. Alcaide / Audiencia del sú yâ, o tenente de mandarim (5, fl. 20)



Alcaide	官衙四館捕督館捕巡
Audiencia del sú yâ, o tenente de mandarim	quon yâ sú . quon pú tō . quon pú siuñ

No *Diccionario portuguez-china* de Joaquim Gonçalves (1831), *alcaide* tem como equivalentes 衙役 (*yáyì*) e 捕快 (*bǔkuài*); termos chineses que também figuram no mesmo dicionário como equivalentes de *justiça*, no sentido de 'oficial que administra a justiça', tal como já referia Bluteau (1712-1728). O termo 衙役 (*yáyì*) acha-se igualmente registado como equivalente de *oficial de justiça* (Gonçalves, 1833, p. 226), referindo de modo genérico aquele que tem ofício no 衙 (*yá*), um órgão de justiça, lugar

<sup>1</sup> Neste parágrafo e no seguinte enumeramos os lemas, esclarecimentos dos mesmos e aceções ou traduções literais no corpo do verbete em grafia atualizada, para mais fácil referência, surgindo o seu estudo a partir daqui, caso a caso, sempre em lição semidiplomática, com manutenção da grafia do manuscrito.

que Gonçalves (1833) traduz como *palácio de magistrado*, administrado por um magistrado ou mandarim da justiça, semelhante a uma esquadra. Já o 捕快 (*bǔkuài*) era aquele que se encarregava de prender criminosos e manter a segurança do *yá* e do mandarim, bem como a dos cidadãos, profissão semelhante à de polícia. Bluteau (1712) define *Alcaide Môr*, do árabe *al* (artigo) + *caydion*, derivado do verbo *cade*, 'capitanear', como "o que tem a seu cargo a guarda do Castello, ou fortaleza", incluindo no mesmo verbete "Alcaide, que prende", e ainda "Alcaide com vara. Ministro inferior de Justiça", o que também se aproxima do indicado por Gonçalves.

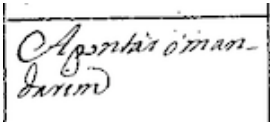

No verbete *alcaide* do manuscrito da Biblioteca Nacional de Portugal incluem-se os equivalentes chineses 巡捕館 (*xúnbǔguǎn*), 督捕館 (*dūbǔguǎn*) e 四衙官 (*sìyáguān*), que podem também ser considerados sinónimos de *yáyì*. Os alcaides *xúnbǔ* têm a função de patrulhar, prender e capturar, enquanto os *dūbǔ* inspecionam, censuram e prendem, funções, todas elas, de um oficial de justiça. No *Diccionario china-portuguez*, o termo *xúnbǔ* apresenta como equivalente *guarda policia* (Gonçalves, 1833, p. 302). No *Grande dicionário da língua chinesa* explica-se que, na dinastia Qing, havia oficiais *xúnbǔ* nos palácios do magistrado de cada província, com funções militares ou civis, sendo o seu cargo inferior ao dos capitães e governadores das províncias. Quanto a *dūbǔ*, os dois caracteres significam *comandar* e *prender*, referindo-se às funções do oficial de justiça.

Os termos incluídos no manuscrito, 巡捕館 (*xúnbǔguǎn*) e 督捕館 (*dūbǔguǎn*), referiam o órgão ou lugar onde estes funcionários permaneciam e trabalhavam.

Quando o povo precisava da intervenção do mandarim para resolver problemas – por exemplo, quando alguém era acusado de roubo –, o mandarim presidia uma audiência para ouvir as partes em público; esta ocasião era a referida *audiencia del "sú yâ"*. Segundo regista o verbete, o termo chinês *sú yâ* equivale a *tenente do mandarim*. Por outro lado, o equivalente em chinês surge com o carácter 官 (*guān*), que representa o *mandarim*, como se explica mais adiante, no verbete 22, e não com o carácter 館 (*guǎn*), como vemos nos dois primeiros equivalentes. O termo 四衙, *sú yâ* ou *sìyá* (pinyin atual), surge em Gonçalves (1831, p. 468), na entrada de *justiça: justiça da terra* – 地方官 (*dìfāngguān*) / 四衙 (*sìyá*), relacionado com os mandarins que tratam dos assuntos políticos e administrativos nas regiões fora da capital (Luo, 1988, p. 1019). Na *Arte China*, Gonçalves (1829, p. 276) utiliza o termo num dos seus diálogos: logo me foi accusar ao juiz da terra que me desse huma sova – 把我告四衙里他用上钱叫那个典史打我一顿. Nessa frase utiliza-se também um segundo termo, 典史 (*diǎnshǐ*), para significar *juiz*, que em Gonçalves (1833) é equivalente de *empregado sem grao de nobreza*. Numa obra da dinastia Qing sobre a vida social do povo chinês desse período, da autoria de um mandarim de *Hanlinyuan* (Academia Imperial), refere-se a ordem hierárquica de quatro cargos de funcionários a nível regional: o primeiro é 縣令 (*xiànlìng*), o segundo, 丞 (*chéng*), o terceiro, 簿 (*bù*), e o último, 尉 (*wèi*) (Yu, s.d., v. 3, p. 13). Gonçalves (1833, p. 104; p. 7; p. 205; 1831, p. 575) regista os cargos anteriores respetivamente como *juiz de fora*, *assessor do juiz de fora*, *official maior* e *chefe da policia*. Segundo Yu, o cargo de *wèi* pertence ao quarto nível, pelo que era chamado 四衙 (literalmente, o quarto *yá*).

Assim, podemos afirmar que *sú yâ* é o cargo mais baixo de mandarim de nível regional. Isto também se aproxima da explicação do autor, o tenente de mandarim é igualmente um cargo inferior ao de mandarim.

## 2.2. Apontar o mandarim (6, fl. 38)

	
Apontar o mandarim	押 <sup>*</sup> 簽 yā qiān

O termo em chinês está registado no manuscrito com o carácter 簽 (*qiān*), e assim era usado antes, contudo, hoje inclui o carácter 簽 (*qiān*), acrescentando-se o radical de bambú, com o significado de *assinar/assinar um documento*<sup>2</sup>. É possível encontrar o lexema escrito nas duas versões em diferentes obras. Já Gonçalves (1833) indica que o termo 簽押 (*qiānyā*) representa o *papel autenticado*. Ambos os termos, 簽押 (*qiānyā*) e 簽押 (*qiānyā*), se acham registados no *Grande dicionário da língua chinesa* com o significado de 'assinar documentos para se responsabilizar pelo escrito'. Embora o termo chinês não faça referência direta ao mandarim, trata-se de um ato que se realizava na sua presença, no palácio do magistrado ou órgão governamental competente. Para além do termo *qiānyā*, outros se formaram relacionados com esse ato, como *qiānyāfáng*, 'gabinete onde trabalha o oficial mandarim', *qiānyāzhuō*, 'a secretária do mandarim', e *qiānyāchù*, 'edifício ou espaço de trabalho no órgão oficial' (Luo, 1991, p. 1263). Embora o lema português pudesse, no século XVIII, significar 'indigitar, nomear o mandarim', ou o mandarim 'registar, escrever' algo, o equivalente chinês não possui esses significados, mas o de 'registar o nome'. Talvez se trate de referir o ato de apontar um facto ou indivíduo, no sentido de acusar alguém cujo ato precisa de ser devidamente registado na escrita e “assinado” na presença do mandarim, para completar o processo. No *Diccionario portuguez-china*, Gonçalves (1831) inclui *apontar o sujeito* — 指名 (*zhǐmíng*), ou seja, indicar o nome de uma pessoa. De facto, no *Grande dicionário da língua chinesa* regista-se *zhǐmíng* nas acepções de *apontar o nome* e também de *apontar o crime de uma pessoa*.

## 2.3. Colegio de mandarins e Colegial do rol dos mandarins (10 e 11, fl. 102)

<sup>2</sup> Tradução nossa da frase registada no *Dicionário de Kangxi* (Zhang, 2002, p. 862):「簽書文字也」.

302

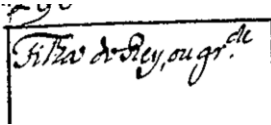
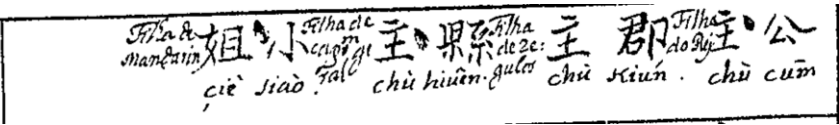
<i>Colegio de mandarins</i>	中館閣 chūm guān . kǒ quān
<i>Colegial do rol dos mandarins</i>	人中館 gīn . chūn quān

Colegio de mandarins	中 <sup>*</sup> 館 o 閣館 chūm quān . kǒ quān
Colegial do rol dos mandarins	人 <sup>*</sup> 中館 gīn chūm quān

No palácio imperial existia um sítio para os mandarins fazerem os seus estudos. Segundo se regista no *Grande dicionário da língua chinesa*, 館閣 (*guǎngé*), durante a dinastia Song, era a denominação geral dada aos órgãos que se responsabilizavam pela administração dos livros e material bibliográfico, pela edição e compilação dos livros sobre a história do país ou da dinastia. Estes órgãos eram os seguintes: 史館 (*shǐguǎn*, Academia de História), 昭文館 (*zhāowénguǎn*, Academia de Literatura), 集賢館 (*jíxiánguǎn*, Academia dos Letrados), 秘閣 (*mìgé*, Pavilhão dos Livros Originais e Pinturas) e 龍圖閣 (*lóngtúgé*, Pavilhão das Obras do Imperador Taizong e da Família Real da Dinastia Song). Nas dinastias Ming e Qing, todas as funções do *Guǎngé* passaram a pertencer ao 翰林院 (*hànlínyuàn*), conhecido também como *Academia de Hanlin*. Entretanto, esta também era conhecida como *Guǎngé*, por terem as mesmas funções. Para além das funções acima referidas, estes espaços serviam para a formação de talentos profissionais. É nesta função que o verbete *Colegio de mandarins* encaixa. Segundo Cheng Mingming (2006, p. 84), durante a dinastia Song, a função mais importante do *Guangé* era a de reunir e formar talentos. No *Guǎngé*, a coleção, arquivo, revisão e compilação de livros eram as funções básicas. Era neste Colégio que as pessoas talentosas se juntavam, de modo a aproveitar essa plataforma para desenvolver a sua carreira na corte imperial (Cheng, 2006, pp. 104-105). No mesmo contexto, o carácter 館 (*guǎn*) equivale a *Guǎngé*, por isso o equivalente 館中 (*guǎnzhōng*) diz respeito ao próprio *Guǎngé* ou a tudo o que é do seu âmbito. No caso da segunda entrada, *Colegial do rol dos mandarins*, refere-se especificamente o mandarim com cargo no *Guǎngé*, pois no equivalente 館中人 (*guǎnzhōngrén*), 人 equivale a *pessoa*, assim, este termo indica as pessoas que aí trabalhavam ou permaneciam.

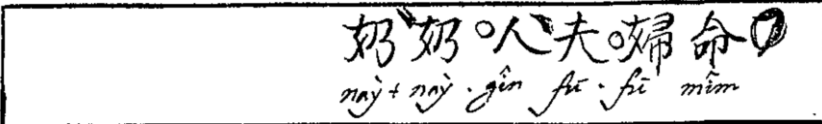

#### 2.4. *Filha de Mandarin* (20, fl. 196)

女小媛令子女兒女 nǚ xiǎo yuàn lìng zǐ nǚ ér nǚ	Filha
---	-------

	
Filha	女*小 o 媛*令 o 子*女 o 兒女 o 女 niù siaò . ngái lín . cù niù . lh` niù . niù
Filha do Rey, ou gr. <sup>de</sup>	姐*小 o 主縣 o 主郡 o 主*公 çiè siaò . chù hiuên . chù kiun . chù cun Filha de Mandarin Filha de cap. <sup>m</sup> geral Filha de regulos Filha do Rey <sup>3</sup>

O lema *Filha do Rey, ou grande* inclui naturalmente como um dos equivalentes chineses, na época, 小姐 (*siaò çiè* na romanização antiga), com o sentido literal de *Filha de Mandarin*, como se anotou no manuscrito. O equivalente 小姐 (*xiǎo jiě*) sofreu evolução semântica. O termo surge nos documentos do início da dinastia Song (960-1279); embora não se registre para referir as meninas fidalgas, era utilizado para designar as meninas da classe social baixa; por exemplo, assim se chamavam as concubinas, as criadas e as donzelas que ganhavam a vida e sustentavam a família a cantar e dançar, ou mesmo prostituir-se. Em finais da dinastia Song e inícios da dinastia Yuan, o termo 小姐 (*xiǎo jiě*) dignificou-se, passando a usar-se como forma de tratamento para expressar respeito às filhas jovens das famílias dos mandarins e dos ricos, até se casarem. Durante as dinastias Yuan e Ming, este tratamento foi ainda mais utilizado do que na anterior, achando-se o sentido negativo do termo 小姐 (*xiǎo jiě*) já em desuso. Até à dinastia Qing, manteve-se o uso de 小姐 (*xiǎo jiě*) como forma de tratamento respeitoso das meninas de famílias ricas, e não só de mandarins (Lu, 2008, pp. 7-9). Contudo, na obra intitulada 《陔余丛考》 (*Gāi yú cóng kǎo*) (1990, p. 682), de Zhao Yi (dinastia Qing, 1727-1814), há uma referência concreta à utilização desse nome no âmbito do mandarinato a sul do país: 今南方縉紳家女多称小姐 ("Hoje em dia chama-se às filhas dos mandarins 小姐 no sul"). Atualmente, convivem os dois significados — termo de cortesia, 'senhorita, menina', e forma pejorativa, 'prostituta' (Lu, 2008, pp. 9-10).

## 2.5. Molher de Mandarim (24, fl. 246v)

	
--	---

<sup>3</sup> Estes significados ou equivalentes acham-se no manuscrito, unicamente neste caso, não sob as formas romanizadas, como habitualmente, e tal como aqui as representamos, mas à esquerda dos respetivos caracteres, e na linha dos mesmos, translineados em duas ou três linhas (ou seja, da direita para a esquerda, *Filha / do Rey*; *Filha / de re: gulos*; *Filha de / cap.<sup>m</sup> ge/ral*; *Filha de / Mandarin*).

Molher de Mandarim	奶*奶 o 人*夫 o 婦命 nǎy + nǎy . gín fū . fū mím
--------------------	---

O primeiro equivalente chinês do lema *Molher de Mandarim*, 命婦 (*mìng fū*), é um título para nobilitar as mulheres da família desses magistrados, uma graça concedida pela corte feudal. Quando um homem da família – marido, filho ou neto – conseguia entrar no quadro dos funcionários públicos ou subir de posição, a mulher, mãe e/ou avó ganhava a oportunidade de receber um título concedido pelo imperador. Trata-se do regime de 命婦 (*mìng fū*), em que as mulheres que recebiam os títulos também assim se chamavam (Chen et al., 2019, p. 252). Nas dinastias Ming e Qing, a categoria dos postos oficiais dividia-se em nove níveis, descendo do primeiro até ao nono; os mandarins ocupavam um posto superior ao da sétima categoria, e as mulheres tinham a oportunidade de ser reputadas como 命婦. Este título também se dividia em seis subtítulos: 夫人 (*fū rén*), para as mulheres dos mandarins da primeira e segunda categorias; 淑人 (*shū rén*), para as da terceira categoria; 恭人 (*gōng rén*), para as da quarta; 宜人 (*yí rén*), para as da quinta; 安人 (*ān rén*), para as da sexta, e 孺人 (*rú rén*), para as da sétima. Por esse motivo, antigamente, ser a mulher de um mandarim significava ao mesmo tempo ser uma coadjuvante do marido no caminho da fama e da conquista de um cargo superior (Chen, 2006, p. 158).

O segundo equivalente 夫人 (*fū rén*), além de se utilizar para indicar *fidalgia da 1ª ou 2ª ordem* (Gonçalves, 1833, p. 175), tem-se generalizado como uma forma de tratamento de cortesia para referir as mulheres casadas, independentemente da profissão do marido (Luo, 1988, p. 1455).

Quanto ao equivalente 奶奶 (*nǎi nai*), com que geralmente os chineses identificam e tratam a “avó paterna”, era antigamente uma forma de cortesia para indicar ou tratar as mulheres casadas (Luo, 1989, p. 418). Na obra *O Sonho do pavilhão vermelho* (Cao, 2015, p. 28), que descreve cenas da família de um mandarim, chama-se 奶奶 (*nǎi nai*)<sup>4</sup> à protagonista Wang Xifeng, mulher do Jia Lian, um mandarim da quinta categoria, apesar de o seu posto ter sido comprado.

2.6. Id'. [Morrer] *Pǔ Lǒ*, se dis dos Mandarins chamados - *súy-de*. *Tá fū* (25, fl. 247v)

<sup>4</sup> Leia-se no original, capítulo VI (Cao, 2015, p. 28): 如今太太不理事，都是琏二奶奶当家 — Atualmente, a Dona (太太) não governa a casa, é a mulher do Jia Lian (琏二奶奶) que a governa (tradução nossa).



世去○世下○世辭○世謝○世即○逝○死 xý kiú . xý siá . xý cū . xý sié . xý ciē . xý . sù	Morrer
○薨○崩○目瞑○亡○沒○故○世○棄○故○身 hūm . puñ . mǒ mīm . vām . mǒ . kú . xý ký . kú xiñ	Id. <i>Puñ</i> - se dis do Rey. <i>Huñ</i> se dis de -chũ cheũ
夫大○士○夫○大○侯○諸○子○天○祿○不○卒 fū tá . sú . fū tá . sū cū . cū tiēn . lǒ pǔ . cǒ	Id. <i>çõ</i> - se dis de -Tá fū - <i>Pũ Lǒ</i> , se dis dos Mandarins chamados - súy-de. Tá fū
候○諸○子○天○天○歸○子○天○賓○上○子○天○天○賓 sū cū . cū tiēn . tiēn quey . cū tiēn . piñ xam . cū tiēn . tiēn piñ	Id
了○盡○數○壽○了○滿○數○壽○子○天○落○狙○駕○晏 leào cǐn sú xeú . leào muon sú xeú . cū tiēn . lǒ cū . kiā yen	Id
夢○大○歸○已○氣○絕○氣○斷○終○命○生○了○終 muon tá . quēy ý . ký ciuē . ký + tuon . chuñ mīm señ . leào chuñ	Id
絕○將○氣○尽○將○氣 ciuē ciām ký . cūn ciām ký	Id

Morrer	世*去○世下○世*辭○世*謝○世即○逝*○死* xý kiú . xý hiá . xý cū . xý sié . xý ciē . ký . sù
Id. <i>Puñ</i> - se dis do Rey. <i>Huñ</i> se dis de -chũ cheũ	○薨○崩○目瞑○亡○沒○故○世*棄○故*身 huñ . puñ . mǒ mīm . vām . mǒ . kú . xý ký . kú xiñ
Id. <i>çõ</i> - se dis de -Tá fū - <i>Pũ Lǒ</i> , se dis dos Mandarins chamados - súy-de. Tá fū	夫大○士○夫*大○侯*諸○子*天○祿不○卒 fū tá . sú . fū tá . heũ chũ . cū tiēn . lǒ pũ . cǒ
Id	候*諸○子*天○天歸○子*天○賓上○子*天○天賓 heũ chũ . cū tiēn . tiēn quey . cū tiēn . piñ xam . cū tiēn . tiēn piñ
Id	了*盡*數*壽○了*滿*數*壽○子*天○落狙○駕宴 leào cǐn sú xeú . leào muon sú xeú . cū tiēn . lǒ cū . kiā yen
Id	夢*大*歸已○氣*絕○氣*斷○終*命生○了*終 muon tá . quēy ý . ký ciuē . ký + tuon . chuñ mīm señ . leào chuñ
Id	絕*將氣○尽*將氣 ciuē ciām ký . cūn ciām ký

Neste verbete registam-se várias formas de mencionar a *morte* na língua chinesa, a maioria delas eufemísticas. De facto, o que tem a ver com o falecimento é considerado, desde os tempos mais longínquos, um tema ominoso tanto em Portugal como na China.

O temor da morte resulta numa interdição verbal. Sendo inevitável falar dela, consideramos melhor, muitas vezes, substituí-la por uma expressão suavizada (Wang, 2015, p. 26) – embora o contrário também suceda, desagravando-se a funesta ocorrência com expressões disfemísticas.

Nas primeiras duas linhas encontram-se seis desses eufemismos chineses: 去世 (*qù shì*), 下世 (*xià shì*), 辞世 (*cí shì*), 谢世 (*xiè shì*), 即世 (*jí shì*) e 弃世 (*qì shì*). No século seguinte, Gonçalves explica 辞世 (*cí shì*) e 弃世 (*qì shì*) como *Falecer*, *Deixar do mundo* (Gonçalves, 1833, p. 5). O equivalente 即世 (*jí shì*)<sup>5</sup> também é uma forma para se referir *morrer* (Luo, 1988, p. 530). Joaquim Gonçalves (1833) traduz da seguinte forma os caracteres 弃 (*qì*), *Deixar*, *Renunciar* (409); 去 (*qù*), *Ir*, *Tirar fora* (184); 谢 (*xiè*), *Retirar-se* (814) e 辞 (*cí*), *Rejeitar* (504). Estes, combinados com um mesmo carácter chinês, 世 (*shì*), que significa *Mundo* (Gonçalves, 1833, p. 5), oferecem uma expressão suavizada de *Morrer*. É esta a origem das expressões eufemísticas de *morrer* compostas pelo carácter 世 (*shì*), *Mundo*. Nelas se pode observar a crença na vida depois da morte e o culto do espírito na China antiga, acreditando-se que morrer é o fim do corpo físico, mas que os espíritos dos falecidos deixam a terra dos vivos e vão para o outro mundo após a morte (Li, 2010, p. 104). O carácter chinês 下 (*xià*), *Abaixo* (Gonçalves, 1833, p. 2), juntamente com o carácter 世 (*shì*), formam o lexema 下世 (*xià shì*), “abaixo do mundo”, relacionado com os costumes fúnebres do povo Han, a principal etnia da China, introduzindo o defunto dentro do caixão e o caixão debaixo da terra (Li, 2010, p. 95). Esta forma de enterro debaixo da terra, 下世 (*xià shì*), é também uma designação eufemística de *morrer*.

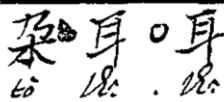
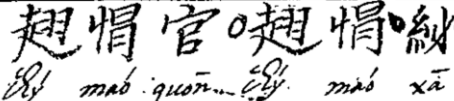
Além de revelar a ideologia e os costumes fúnebres da China, o uso dos vocábulos sobre a morte também denuncia as diferentes posições sociais. Na antiga China, não eram apenas as formas de tratamento a diferenciar as pessoas das várias classes, mas também muitas outras palavras, quando se relacionavam com elas; até mesmo o vocábulo usado para referir a morte variava de acordo com a posição social do falecido. A morte dos imperadores designava-se 崩 (*bēng*), literalmente *cahir a monte*, (Gonçalves, 1833, p. 296). O significado de *morrer o imperador* podia-se compreender a partir de três perspetivas. Em primeiro lugar, destaca-se a posição social do imperador; na época monárquica, era considerado a autoridade suprema dum país, ficando acima de tudo, pelo que se assemelhava a um monte, sempre acima do chão, por isso a sua morte era como o colapso de uma montanha. A seguir, destaca-se a dignidade de imperador; normalmente, os montes são altos e grandes, pelo que os imperadores partilhavam as suas características. Em contrapartida, usava-se 薨 (*hōng*) para referir a morte dos príncipes, 卒 (*zú*) para a morte de funcionários e 不禄 (*bú lù*) para a dos académicos ou oficiais; por fim, a morte do povo vulgar era simplesmente 死 (*sǐ*), o *morrer* literal, sem nada de eufemístico (Wang, 2015, p. 29).

Entre todos estes verbetes para indicar sinónimos de *morrer* não podia deixar de

<sup>5</sup> No *Grande dicionário da língua chinesa* (Luo, 1988, p. 530), 即世 (*jí shì*) é sinónimo de 去世 (*qù shì*), que significa *morrer* (Gonçalves, 1831, p. 541).

figurar um específico para mandarins: “Id. 𦍋 - se dis de -Tá fū - Pǔ Lǒ, se dis dos Mandarins chamados - súy-de. Tá fū”, ou seja, aquele que acima referimos para indicar o falecimento de funcionários, 不祿 (bú lù).

## 2.7. Orelhas de Mandarins (26, fl. 259v)

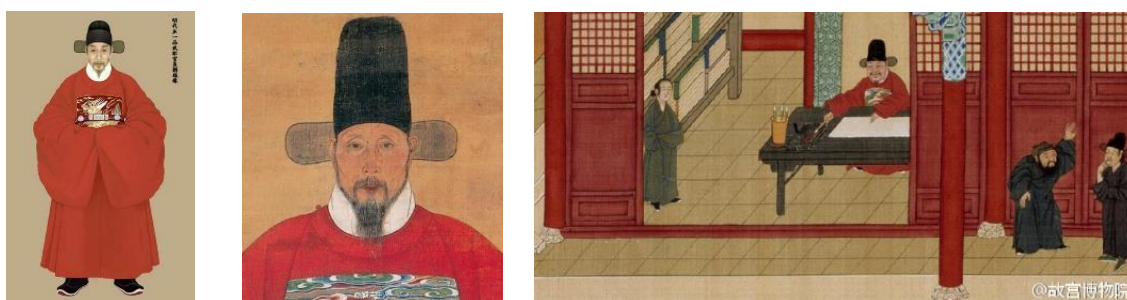
	Orelha
	Orelha de Mandarin
Orelha	朵 <sup>*</sup> 耳 o 耳 tò lh. . lh.
Orelhas de Mandarins	翅帽官 o 翅帽 <sup>*</sup> 紗 ċhý maó quon̄ . ċhý maó xā

Surgem no dicionário, a este respeito, os lexemas 紗帽 (*shā mào*), *Chapéu de gaze* e 官帽 (*guān mào*), *Chapéu dos mandarins*.

Antigamente, os mandarins cobriam a cabeça com um barrete específico, conhecido como *chapéu de gaze preta*, em chinês 乌纱帽 (*wū shā mào*), quer para seguir a moda, antes da dinastia Ming, quer para obedecer às ordens do imperador, depois desta dinastia (Zhang, 1974, p. 1637). Apresentam-se adiante pinturas desta peça da dinastia Song (Figuras 1 e 2) e da dinastia Ming (Figuras 3, 4 e 5). Até à data, na cultura popular da China, o chapéu de gaze preta ainda se refere como símbolo da qualidade de oficial público (Niu & Zhang, 2021, p. 52). Na dinastia Song (960-1279), apesar de o chapéu de gaze preta não fazer parte do vestuário formal dos mandarins, todos apreciavam esta peça, desde o imperador até ao povo. Em comparação com o formato de chapéus anteriores, os dos mandarins possuíam duas asas finas e compridas de ambos os lados, conhecidas como 翅 (*chì*), *asinhas*. Esta mudança terá sido proposta pelo primeiro imperador da dinastia Song, 赵匡胤 (*zhào kuāng yìn*), para impedir os mandarins de segredarem entre si nas reuniões habituais na corte (Niu & Zhang, 2021, p. 46).

**Figuras 1 e 2.** Chapéu de gaze preta, dinastia Song.

**Fonte:** Museu do Palácio (Pequim, China).

**Figuras 3, 4 e 5.** Chapéu de gaze preta, dinastia Ming.

**Fonte:** Museu do Palácio (Pequim, China).

Em Gonçalves o caráter chinês 翅 (*chì*) equivale a *Asas* (1833, p. 675), e 帽 (*mào*) significa *Barrete*, *Chapeo* (1833, p. 287); neste último verbete apresenta-se também a combinação chinesa 乌纱帽, *barretinho de seda*.

Joaquim Gonçalves inclui no seu dicionário os lemas chineses 纱 (*shā*), *caça*, *seda* (1833, p. 702) e 官 (*guān*), *empregado* (1833, p. 159). As suas explicações permitem-nos interpretar o lexema 纱帽翅 (*shā mào chì*) como 'asas de barrete', 'chapéu de seda, cassa ou gaze', e o lexema 官帽翅 (*guān mào chì*) como 'asas de barrete ou chapéu do empregado'; segundo Xia e Chen (2009, p. 1954), o 纱帽 (*shā mào*) também se chamava 乌纱帽 (*wū shā mào*) e era sempre utilizado pelos monarcas, fidalgos e oficiais, sendo um símbolo dos oficiais. Na *História da dinastia Ming* (Zhang, 1974, p. 1637), refere-se que o barrete de gaze era uma parte indispensável do vestuário dos oficiais, tanto académicos como militares, nas ocasiões formais na corte. Nos equivalentes chineses, a expressão metafórica *Orelhas de Mandarins* não se refere, pois, aos órgãos acústicos dos mesmos, mas sim às asas do chapéu que os distinguia.

## 2.8. Passo<sup>6</sup> do Mandarim (27, fl. 262v)

<sup>6</sup> Trata-se da forma *paço*, divergente popular ao lado da erudita *palácio*, do latim PALATIUM, e distinta de *passo*, de *passar*. A troca de *ss/ç* ocorre igualmente, na ortografia de Gonçalves, em *caça/cassa* tecido.

<p>lí tién . cum hoâm . yù cum . tién cum . tínn chháu . chháu</p>	Passo do Rey
<p>guôn cum . miên cum . fû cum . yâ quôn . miên yâ . yâ</p>	Passo do mandarim
<p>puôn . puên uâ . puên</p>	Paço de barro ou pao

Passo do Rey	陛*殿 o 宮*皇 o 宇宮 o 殿*宮 o 庭*朝 o 朝 pí tién . cum hoâm . yù cum . tién cum . tínn chháu chháu
Id	廊*廟 lânn miaó
Passo do mandarim	館*公 o 門*公 o 府公 o 衙*官 o 門*衙 o 衙 quôn cum . miên cum . fû cum . yâ quôn . miên yâ . yâ
Id	第府 o 府 tí fû . fû
Paço de barro ou pao	盤 o 盆*瓦 o 盆 puôn . puên uâ . puên

O manuscrito da Biblioteca Nacional inclui, para o lema *Passo do mandarim*, os seguintes equivalentes em chinês: 衙, 衙門, 官衙, 公府, 公門, 公館, 府, 府第. Os três primeiros contam com o carácter 衙 (yá). Segundo Gonçalves (1833, p. 226), o termo 衙門 (yá mén) e o carácter 衙 (yá) correspondem a *palácio do magistrado*, *paço*. No dicionário de Luo Zhufeng (1989 pp. 1047-1048), 衙 é um nome antigo das instituições oficiais<sup>7</sup>, e o termo 衙門 indica os lugares onde trabalhavam os oficiais<sup>8</sup>; a forma 官衙 era um nome genérico para os órgãos do governo<sup>9</sup> (Luo, 1989, p. 1393).

No *Grande dicionário da língua chinesa* encontram-se os três termos seguintes: 公府 (gōng fǔ), 公門 (gōng mén) e 公館 (gōng guǎn) (Luo, 1988, pp. 65-66, 78). O primeiro, 公府, também se utilizava para indicar as instituições oficiais. Este termo ter-

<sup>7</sup> Tradução nossa do original: 旧时官署之称。

<sup>8</sup> Tradução nossa do original em chinês: 旧时官吏办事的地方。

<sup>9</sup> Tradução nossa de 旧时对政府机关的通称。

se-á utilizado mais cedo do que o sinónimo 公衙 (*gōng yá*), segundo um registo de Feng Yan, mandarim da dinastia Tang. Este refere ainda que o uso do carácter 衙 (*yá*) para mencionar o 'lugar onde trabalhavam os oficiais' decorria de um engano<sup>10</sup>, devido ao qual 公府 (*gōng fǔ*) tinha sido substituído por 公衙 (*gōng yá*).

No romance de Pu Songling existe uma conversa na qual se afirma que 公門 (*gōng mén*) era o lugar onde os mandarins resolviam os crimes<sup>11</sup>, sendo, pois, sinónimo do termo 衙門 (*yá mén*).

Quanto ao termo 公館, em Gonçalves (1833, p. 996) correspondia a *Hospedaria dos empregados*. Existem três aceções para este termo no dicionário de Luo, a primeira indicando 'palácio', quer para viver quer para diversão dos nobres; a segunda, 'casa dos oficiais, hospedaria construída pelo governo', e a terceira, 'mansão de ricos e poderosos'. Não se inclui uma explicação ou exemplo que digam respeito ao lugar de trabalho dos mandarins.

## 2.9. Pagem de mandarim (28, fl. 263v)

<p>官門子門 quōn mūen . cū mūen</p>	<p>Pagem de mandarim adurta q' o mūen cū signif[ica] in malam partem</p>
<p>人随親的右左者侍右左 gīn sūi cīn . gīn tiē yéu cò . chè xī yéu cò</p>	<p>Pagem de gente grave</p>
<p>Pagem de mandarim / adurta q' o mūen cū signif[ica] in malam partem</p>	<p>官門子門 quōn mūen . cū mūen</p>
<p>Pagem de gente grave</p>	<p>人随親的右左者侍右左 gīn sūi cīn . gīn tiē yéu cò . chè xī yéu cò</p>

No dicionário manuscrito apresentam-se verbetes distintos para os lemas *Pagem de Mandarim*, 門子 (*mén zǐ*) e 門官 (*mén guān*), e *Pagem de gente grave*. Todavia, anotou-se junto ao primeiro lema que *mūen cū* tinha valor pejorativo (a expressão latina

<sup>10</sup> Citado no *Grande dicionário da língua chinesa* (Luo, 1988, p. 65): 今俗尚武, 是以通呼公府为公牙, 府门为牙门, 高稍讹变, 转而衙也. Antigamente, os chineses pensavam que o carácter 牙 (*yá*), 'dente' em português, se relacionava com o poder masculino e militar, na dinastia Tang; por esse motivo, as pessoas acreditavam que os oficiais ou magistrados protegiam o povo das invasões e chamavam aos lugares onde trabalhavam estes mandarins 公牙, em vez de 公府, ou 牙门 em lugar de 府门, incluindo sempre este carácter 牙 (*yá*), que representa o poder. Segundo Zhao Yi (1990, p. 339), nas dinastias Wei e Jin, tanto 衙 como 牙 pronunciavam-se *yá*, e no decurso do tempo, o termo 公牙 ter-se-á transformado em 公衙, e 牙门 em 衙门.

<sup>11</sup> No *Grande dicionário da língua chinesa* (Luo, 1988, p. 66) cita-se esta passagem do referido romance: 杀人之罪已定, 但得全尸, 此案即结; 案后, 速醺可也. 汝少妇, 勿復出入公门. O marido de certa mulher foi condenado à morte por ter matado uma pessoa, a mulher estava triste, outra pessoa consolou-a, aconselhando que faria uma cerimónia sacrificial para o marido e não voltaria ao palácio (公门, lugar onde trabalhavam os oficiais) a reclamar.

*in malam partem* significa 'para o mal', podendo mesmo indicar significado obsceno).

Segundo regista Yuan Mei, a figura do 門子 (*mén zi*), termo apresentado como equivalente do português *Pagem de mandarim*, correspondia, na dinastia Qing, ao empregado que servia o chá e cuidava da roupa, entre outras tarefas menores, numa instituição governamental, uma espécie de assistente ou faz-tudo (Yuan, 1993, p. 299).<sup>12</sup> Zhao Yi (1990, p. 1114) faz uma referência mais detalhada a esta designação, indicando que 門子, na dinastia Qing, eram os criados que trabalhavam nas repartições do governo, tendo como tarefa servir o chá e cuidar da roupa dos governantes principais.<sup>13</sup>

Yuan Mei e Zhao Yi, literatos da dinastia Qing, referiram-se à figura do 門子 na sua época, contudo, esta tem variado muito com o decorrer do tempo; nas épocas de Zhou (1046 a.C-256 a.C) e Chunqiu (período da Primavera e Outono, 770 a.C-476 a.C), o termo 門子 era utilizado para referir o filho de um oficial, mas este devia ser gerado pela consorte do mesmo, não pelas concubinas; na dinastia Tang (618-907), 門子 passou a indicar o 'porteiro' (Luo, 1993, p. 3), numa relação direta com o carácter 門 (*mén*), *porta*, *entrada* (Gonçalves, 1833, p. 912).

Quanto ao lexema 門官 (*mén guān*), apesar de ser um sinónimo do termo 門子, a combinação com o carácter 官 (*guān*), *empregado* (Gonçalves, 1833, p. 159), forma literalmente o sentido de *Empregado da porta*, o cargo do mandarim que se responsabilizava pela abertura e fecho das portas, sendo a entrada e saída de pessoal por ele controladas (Luo, 1993, p. 8).

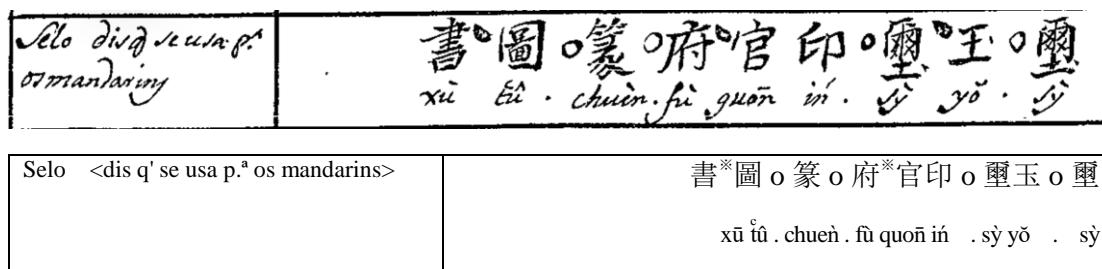
Na peça de ópera de Pequim intitulada *Batendo no Yan Song*, uma história ocorrida na dinastia Ming, mas cuja estreia ocorreu em 1879, no fim da dinastia Qing, a figura do 門官 (*mén guān*) era mais parecida com a de pajem de mandarim. Yan Song era um mandarim traidor; um 門官 (*mén guān*) de sua casa chamado Yan Xia era um criado que insultava e humilhava os outros, aproveitando o poder do seu dono. Segundo uma análise de Shu Tong (2008, p. 84), na peça, Yan Xia não só recebia os visitantes na porta de casa de Yan Song como também o acompanhava a recebê-los na sala, seguindo ainda o seu dono ao palácio imperial. Por isso não era apenas porteiro, mas também o pajem, que acompanhava o dono.

Esse mau comportamento de alguns pagens, espelhado nas obras literárias, poderia explicar a visão negativa dos mesmos no século XVIII, ainda que o termo *menzi* não refira diretamente uma pessoa que pratica atos desonestos. Existe mesmo um provérbio a esse respeito: 宰相家人七品官 (*zǎixiàng jiārén qīpǐnguān*), em sentido literal, “os criados de ministros são mandarins de sétimo nível”, ou seja, os pajens ou criados de funcionários de alto nível aproveitam-se do poder destes como se eles mesmos fossem também mandarins (Wang, 1991, p. 378).

## 2.10. Selo <dis q' se usa p.<sup>a</sup> os mandarins> (30, fl. 317)

<sup>12</sup> Tradução nossa do original de Yuan Mei: 今称府县侍茶者曰门子; hoje em dia, são os empregados de governo que servem chá que se chamam Men Zi.

<sup>13</sup> Tradução nossa do original de Zhao Yi (1990): 今世所谓门子, 乃牙署中侍茶捧衣之贱役也; atualmente, *Men Zi* são os criados que trabalham no paço a servir chá e a cuidar do vestuário.



Selo <dis q' se usa p.ª os mandarins>

書\*圖 o 篆 o 府\*官印 o 璽玉 o 璽

xū tú · chuàn · fǔ guān ín · sǐ yǒ · sǐ

Este lema, a que foi acrescentada posteriormente informação de uso restrita aos mandarins, apresenta cinco equivalentes em chinês, incluindo os dois primeiros o carácter 璽 (xǐ); segundo Feng Shi (2016, p. 683), a utilização deste selo, 璽 (xǐ), é anterior à dinastia Qin (221 a.C-207 a.C), servindo principalmente para selar cartas ou objetos, carimbar produtos de terracota e funcionar em geral como garantia de autenticidade. Xi Wenqian (2023, p. 637) explica que 璽 (xǐ) podia ser uma marca identificadora dos oficiais ou responsáveis, desempenhando também o papel do atual passaporte.

Antes de Qin Shi Huang, fundador da dinastia Qin e o primeiro imperador da China unificada, ter unificado os sete reinos, 璽 (xǐ) era a forma universal para referir um selo em sete reinos; ao mesmo tempo, o selo também se chamava 印 (yín) no reino Qin, não existindo qualquer diferença no uso das duas designações. O carácter 璽 (xǐ) também era sinónimo de 璽印 (xǐ yín) nessa época (Feng, 2016, p. 683; Xi, 2023, p. 636). Classificando-se os selos de acordo com o seu uso e finalidade, existiam os de uso pessoal, em chinês 私印 (sī yín), e os de uso oficial, 官印 (guān yín). Depois da subida ao trono de Qin Shi Huang, para reforçar a centralização e consolidar o poder, este impôs uma série de mudanças regimentais para se distinguir do povo; por exemplo, nas formas de tratamento dos selos de uso oficial, o carácter 璽 (xǐ) passou a referir exclusivamente o selo do imperador, tendo-se passado a chamar 印 (yín) aos selos de outrem. No período seguinte, a dinastia Han (202 a.C-220 a.C), seguiram-se estas regras de nomeação, mas alargou-se o uso de 璽 (xǐ) aos selos da imperatriz e dos senhores feudais (Xi, 2023, p. 636).

O termo 玉璽 (yù xǐ) significa literalmente *selo de jade*; segundo Lou (2015, p. 10), nas dinastias Qin e Han os selos dos imperadores eram feitos deste mineral. Gonçalves (1831, p. 752) também traduz o lexema 玉璽 (yù xǐ) como 'sêllo do imperio'.

O equivalente 印官府 (yín guān fǔ) presente no manuscrito suscita dúvida, por não ser comum a palavra composta por estes três caracteres, nem se encontrar a mesma combinatória nas obras de referência. Além disso, não existe no manuscrito uma divisão clara entre os três caracteres, podendo ser os dois primeiros juntos, 印官 (yín guān), uma palavra chinesa com significado completo, e mais um carácter isolado 府 (fǔ), ou então o carácter isolado 印 (yín), e os dois seguintes juntos, formando a palavra 官府 (guānfǔ).

Tratando-se do primeiro caso, segundo Wei (2013, p. 47), nas dinastias Ming e Qing eram os administradores efetivos, que eram recrutados pelo governo central e trabalhavam nos governos locais, que tinham o privilégio de utilizar selo quadrado no trabalho. Por esse motivo, aos administradores efetivos dos governos locais chamava-se



正印官 (*zhèngyínguān*), *oficiais com selo quadrado*, ou simplesmente 印官 (*yínguān*), *oficiais com selo*, enquanto os empregados eventuais contratados pelas autoridades locais utilizavam selos retangulares (Wei, 2013, p. 48). Quanto ao carácter 府 (*fǔ*), que significa 'cidade', figura em Gonçalves (1833, p. 168) como equivalente de *Palácio da 4ª ordem para cima*. Quando se combinam os dois lexemas temos em português *Palácio de oficiais com selo*.

Se se tratar do segundo caso, 印 (*yìn*) 官府 (*guānfǔ*), a parte final desta combinatória é a palavra chinesa 官府 (*guānfǔ*), cujo equivalente português é *Empregado* (Gonçalves, 1833, p. 168). Este sinólogo indica ainda que 印 (*yìn*) significa *sello* (Gonçalves, 1833, p. 70). Os dois lexemas formam a expressão *selo de empregado*; na língua chinesa seria mais normal dizer-se 官府印 (*guānfǔ yìn*), não a combinação escrita no manuscrito, 印官府 (*yìn guānfǔ*). Na dinastia Tang, para se identificarem, os oficiais preferiam levar consigo um acessório em forma de peixe em vez de um selo regular. Assim, os selos de empregados acabaram por cair em desuso, sendo substituídos pelo símbolo metálico da instituição em que trabalham os oficiais, a que se chamava 官府印 (*guān fǔ yìn*) (Wang, 2006, p. 2).

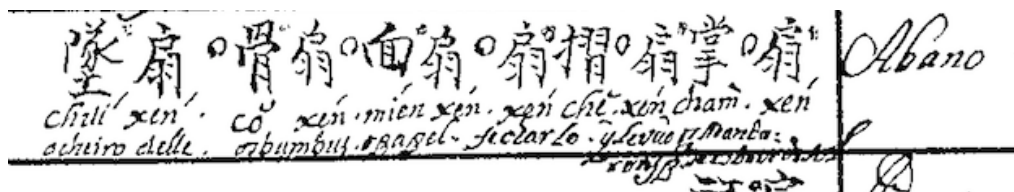
Joaquim Gonçalves (1831, s.v. *letra*) refere que o carácter 篆 (*zhuàn*) significa *letra do selo* (Gonçalves, 1833, p. 687). Essa letra *zhuàn* é um estilo antigo de caligrafia chinesa, utilizado universalmente para a escrita nos selos e objetos de culto em bronze desde a dinastia Qin (Zhang, 2002, p. 852). Por causa da estrutura quadrada e dos traços direitos, esse estilo é o preferido na escrita de selos, igualmente quadrados, razão pela qual se tem aproveitado o nome do estilo de caligrafia para indicar o selo.

Gonçalves (1831) inclui no verbete de *sêllo* a seguinte nota: *o sello não consta senão do nome dos officiaes em letra antiga*. Daqui se deduz que se usava a letra *zhuàn* para gravar nos selos dos mandarins, e por esse motivo se chamava ao selo de mandarim 篆 (*zhuàn*) (Luo, 1991, p. 1219).

O equivalente 圖書 (*túshū*) representa o 'selo de uso privado', como referido nos verbetes dos lemas gerais *Cunhos*, *sinete* e *Dar hum sello* (vejam-se os pontos 3.3 e 3.4).

### 3. Equivalentes chineses relativos ao mandarim num verbete geral

3.1. Abano, com o equivalente 掌扇 (*zhǎngshàn*), q[ue] levão os Mandarins p[ar]a se cobrir do sol (1, fl. 1v)



Abano	墜 <sup>*</sup> 扇 o 骨 <sup>*</sup> 扇 o 面 <sup>*</sup> 扇 o 扇 <sup>*</sup> 摺 o 扇 <sup>*</sup> 掌 o 扇 <sup>*</sup> chuí xēn . cǒ xēn . míen xēn . xēn chě . xēn cham . xēn o cheiro delle . os bambus . o papel . fecharlo . q̄ levão os Mandarins p. <sup>a</sup> se cobrir do sol
-------	--

O caráter 扇 (*shàn*) corresponde ao nome genérico do leque ou abano em chinês, como indica Joaquim Gonçalves no *Diccionario china-portuguez* (Gonçalves, 1833, p. 501). Na atualidade, os leques são objetos pequenos e leves que se levam na mão para produzir ar fresco, usados principalmente no verão. Entretanto, o presente verbete regista lexemas para vários tipos de abano ao longo da história chinesa, incluindo termos relacionados com a estrutura desse utensílio. No chinês, normalmente utiliza-se um caráter que indica o aspeto visual ou a função antes do nome genérico – 掌扇 (*zhǎngshàn*) é 'abano com a forma da palma da mão', 摺扇 (*zhéshàn*) é o 'leque que se fecha', o que corresponde ao que o famoso escritor da dinastia Qing Yuan Mei (1993, p. 143) explica sobre a distinção entre o *zhǎngshàn* e o *zhéshàn*: o primeiro é o 'abano com penas de faisão' e o segundo, 'aquele que se dobra ou fecha para se poder levar à cintura', pelo que também é designado como 腰扇 (*yāoshàn*), 'leque de cintura'. Por outro lado, para indicar as partes de um abano, coloca-se depois de 扇 (*shàn*) o caráter específico: 扇面 (*shànmiàn*) é o rosto, a parte superior, feita de tecido ou papel; 扇骨 (*shàngǔ*) é a vareta ou armação, e 扇墜 (*shànzhùi*) é a decoração que se coloca na parte inferior do cabo.

Importa ainda aprofundar o conceito de 掌扇 (*zhǎngshàn*), que se relaciona com os mandarins e a corte imperial. Trata-se de um tipo de abano especial, de tamanho avantajado, podendo ser superior à altura de uma pessoa, que se segura e maneja através do seu cabo comprido, na parte inferior, e cuja parte superior é habitualmente feita de penas. Criado na dinastia Han, começou por ser utilizado para proteger os imperadores do sol e da poeira durante as cerimónias, ou quando o imperador se deslocava para algum sítio. Zhang Tingyu regista em *História da dinastia Ming* (1974, p. 1559) que, no fim das cerimónias, o imperador regressa ao seu palácio acompanhado de música, de chapéu de sol e de abanos *zhǎngshàn*, apontando que estes últimos protegem a sua face. Trata-se de um sinal do seu estatuto e dignidade. Geralmente, duas criadas colocavam-se atrás do imperador, cada uma delas segurando um destes abanos com as duas mãos. Os dois abanos deveriam formar um triângulo no ar por detrás do imperador, conforme se pode observar na pintura abaixo apresentada de Yan Liben, da dinastia Tang, que regista o encontro entre o Imperador Li Shimin e o representante de Tu Bo (Figura 6), nome da antiga etnia tibetana. Mais tarde, a prerrogativa do uso deste abano acabou por alargar-se também aos mandarins, e daí a referência específica ao abano que funcionários do império usavam para se protegerem do sol, como se indica na presente obra manuscrita. Yuan Mei (1993, p. 143) refere ainda que, na sua época, os mandarins ou pessoas com importância na sociedade passeavam na rua e levavam um abano grande para os proteger do sol, chamado *zhǎngshàn*, relacionando o objeto com o estatuto de quem o usava.

Aparentemente, de modo a situá-los na hierarquia, existiam decorações de abanos para diferentes cargos de mandarins. A corte imperial seria a responsável por impor certas regras, como surge documentado em *Esboço da história da dinastia Qing*: “No terceiro ano do Imperador Shunzhi, foi estabelecido que os mandarins que possuíam cargos na

capital, de primeira categoria, seriam acompanhados de homens de cortesia transportando abanos decorados com uma folha de ouro de forma quadrada” (Zhao, 1977, p. 3097).<sup>14</sup>

**Figura 6.** Encontro do Imperador Li Shimin com o enviado tibetano.



**Fonte:** Pintura de Yan Liben, Museu do Palácio (Pequim, China).

### 3.2. *Abater*, com equivalente 裁抑 (*cáiyì*), *tirar de Mandarim* (2, fl. 2)

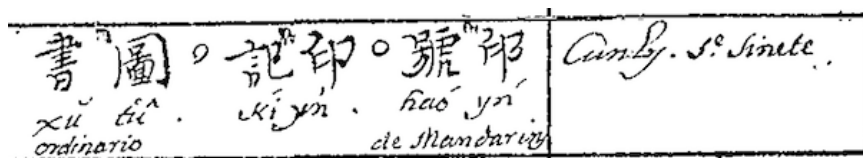
Abater	
Abater	剪裁 o 抑裁 o 他低 ɕiɛ̃ ɕái . yě ɕái . tā tī cortar    tirar de Mandarim

Conforme se deixou explícito no manuscrito, o lema *abater* corresponde a vários equivalentes em chinês, com diferentes significados. No primeiro, 低他 (*dītā*), *dī* significa 'baixar, fazer cair', e *tā*, o pronome 'ele', ou seja, 'destituir, deitar algo ou alguém abaixo'. Quanto ao segundo e terceiro equivalentes, têm em comum o caráter 裁 (*cái*), que tem o sentido de 'cortar com tesoura ou faca', ou 'cortar o excesso'. Gonçalves (1833, p. 386) regista o significado desse caráter e do terceiro equivalente 裁剪 (*cáijiǎn*) como 'talhar'. No que concerne ao segundo equivalente, 裁抑 (*cáiyì*) é *abater* no sentido de 'oprimir, reduzir', podendo também referir-se à demissão ou despromoção de um cargo, ou à redução de poderes ou funções de um funcionário. Em Gonçalves (1831, s.v. *abatêr*, 1833, p. 1021) encontramos o mesmo significado com o caráter 黜 (*chù*), no sentido de 'abater, repelir'. Este termo era comum no ambiente da corte imperial, uma vez que o imperador tinha poder acima de todos e de tudo, sendo ele que nomeava todos os funcionários e decidia do seu destino. Na obra *Esboço da história da dinastia Qing*, o vocábulo *cáiyì* surge na seguinte frase: “O Imperador deve considerar *diminuir os poderes*

<sup>14</sup> Tradução nossa do título da obra chinesa e da frase nela registada (Zhao, 1977, p. 3097): 「順治三年，定京官儀從，公，掌扇貼方金一」.

*desses mandarins*, ou conceder-lhes cargos de folga, ou outorgar-lhes títulos sem poderes verdadeiros” (Zhao, 1977, p. 12205)<sup>15</sup>, evidenciando essa faculdade imperial de retirar poderes a um mandarim como castigo, ou porque o próprio imperador desejava juntar mais poderes.

### 3.3. *Cunhos s.<sup>e</sup> sinete*, com equivalente 印號, *yǐn haó*, de *Mandarins* (12, fl. 121v)



Cunhos s. <sup>e</sup> sinete	<p>書*圖 o 記*印 o 號*印</p> <p>xǔ tú . kí yín . hào yín</p> <p>ordinario de Mandarins</p>
-------------------------------	--

O lema *cunhos* é apresentado no dicionário como sinónimo de *sinete* — segundo Bluteau (1720), 'aquilo que se usa para selar as cartas', sendo *cunho* 'um pedaço de ferro, aberto ao buril, que se usa para marcar moedas ou outras peças de metal'. Entretanto, interessa acrescentar o termo *selo* como sinónimo, já que em Gonçalves (1831) tanto *selo* como *sinete* têm o lexema 圖書 (*túshū*) como equivalente (veja-se, acima, o lema relativo a *sello*). Bluteau (1720) define *selo* como:

...pedaço de metal, ovado ou redondo, com face chata, em que estão gravadas as Armas, ou a divisa de hum Rey, Principe, pessoa de marca, ou de hum Estado, Republica, Religião, com o qual se sellão Alvaràs; Provisoes, Patentes, & e outros papeis de importancia. (Bluteau, 1720)

Os três termos têm em comum a ideia de impressão de uma marca sobre algo.

Na China antiga, o carácter 印 (*yìn*) era normalmente relacionado com o mandarim ou a corte imperial e referia-se ao *selo do mandarim* (Luo, 1988, p. 512). Trata-se de um selo usado para identificação do mandarim e do seu cargo, necessário ao exercício das suas funções. Entretanto, no contexto imperial chinês, *yìn* pode referir também o cargo do mandarim que se encarregava do selo, o 印官 (*yìnguān*), *oficiais com selo*, que atrás se apresenta, no verbete *selo*. Quanto ao equivalente 印號 (*yìnhào*), representa o *selo do mandarim* e o *cargo de mandarim* (Luo, 1988, p. 512). Na obra histórica *Registos dos três reinos*<sup>16</sup> este termo surge na seguinte frase: “Os ladrões das vilas Liang, Jia e Luhun

<sup>15</sup> Tradução nossa da frase registada no original:「上應量為裁抑，或處以散職，或畀以虛銜」.

<sup>16</sup> Veja-se a obra 三國志 (*Registos dos três reinos*), do historiador Chen Shou (233-297), da dinastia Jin Ocidental, que regista acontecimentos do período dos Três Reinos, 三國 (222-280), em que a China se achava dividida nos reinos Wei (魏), Shu (蜀) e Wu (吳) (Chen, 1964).

receberam o selo do general Guanyu”.<sup>17</sup> Zhu Dechun (1991, p. 1928) explica que, nessa frase, 印 equivale a 官印 (*guān yìn*), 'selo do mandarim', e 號 equivale a 封號 (*fēnghào*), 'título concedido pelo imperador'.

Por outro lado, 圖書 (*túshū*) era antigamente o selo de uso privado, enquanto 印 (*yìn*)<sup>18</sup> era o de uso oficial, segundo se indica na obra *Yìn Wén Kǎo Lǜè*. O *túshū*, que também significa *livro*, era o selo que qualquer pessoa podia possuir para uso privado, por exemplo, aquele que um letrado usava para carimbar nas suas obras ou poesias, motivo pelo qual o selo foi adotando esta designação (Ju, 1756, p. 1). Na obra crítica da dinastia Qing, *Rulin Waishi*, surge a seguinte frase: “Queria pedir ao senhor para esculpir um selo”.<sup>19</sup> A pessoa que a pronunciou era um jovem estudante que foi a uma loja encomendar um *túshū* com o seu nome gravado, e que pretendia usar tal selo para carimbar numa poesia. Já o *yìn* é o selo atribuído na corte imperial a cada funcionário, nele se achando gravados os dados relativos ao seu possuidor. Xu Shen<sup>20</sup> afirma que o *yìn* é uma prova de identificação das pessoas do poder, autoridades e oficiais, uma função muito parecida com a do cartão de cidadão ou de trabalhador atual. Portanto, podemos concluir que tanto 印號 como 印 representam o selo usado pelos mandarins.

Tal como referimos no ponto 2.10, referente ao lema *selo*, este tem na China uma história com mais de mil anos, remontando às dinastias anteriores à Qin (2100-221 a.C.). Existia um sistema para o uso oficial dos selos com características próprias em cada dinastia, desde a elaboração dos mesmos, de acordo com a hierarquia dos oficiais, ao material, à forma de o levar na roupa e às regras e costumes de uso. Os selos eram utilizados por toda a hierarquia, desde o imperador até aos mandarins. Na dinastia Qing, os selos do imperador, da imperatriz e dos reis eram designados por 璽 (*xì*) ou 寶 (*bǎo*), os dos nobres, dos ministros e dos generais eram denominados 章 (*zhāng*) e os dos mandarins eram conhecidos como 印 (*yìn*). Wang Tingqia (2006, p. 3) explica que os selos particulares dos mandarins eram usados tanto para comprovar o nível hierárquico do seu proprietário como para apresentar os seus conselhos e propostas ao imperador ou a um mandarim superior, entre outras funções. Quanto ao equivalente 印記 (*yìnjì*), refere-se ao selo de uso oficial (Luo, 1988, p. 516). Nas dinastias Sui e Tang, os selos dos mandarins, em vez de 印, eram denominados 記 (*jì*) ou 印記 (*yìnjì*) (Wang, 2006, p. 123). Em *História da dinastia Song*, utiliza-se este último termo num episódio da dinastia Song que deixa evidente a relação entre o *yìnjì* e o mandarim: “Na Casa da Renda da capital, apareceram muitos selos falsificados, impressos no comprovativo para renda, e

<sup>17</sup> Tradução nossa da frase registada em Chen (1964, p. 941):「梁、郟、陸渾群盜或遙受羽印號」.

<sup>18</sup> Na obra de Ju Luhou (1756, p. 1) encontra-se a seguinte frase:「今呼官印仍曰印呼私印曰圖書」(Hoje, o selo dos mandarins é ainda denominado como *yìn* e o selo privado das pessoas como *tushu*).

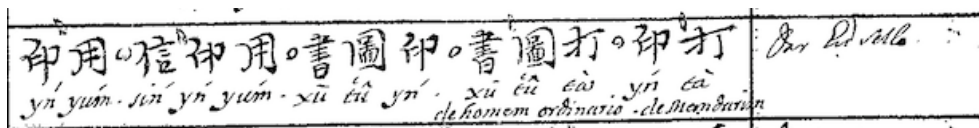
<sup>19</sup> Tradução nossa da frase registada em Wu (2018, p. 207), cap. 21:「要費先生的心，刻兩方圖書」.

<sup>20</sup> Citado em Xu (2007, p. 45), tomo 3. Regista-se neste dicionário a explicação do carácter 印,「執政所持信也」(*yìn* é o papel que certifica a pessoa do poder).

com isso muitos bens foram levados”.<sup>21</sup>

Para autenticar documentos, era preciso carimbá-los devidamente com o selo do mandarim.

### 3.4. *Dar hu' sello*, com equivalente 打印 tà yín ([selo] *de Mandarim*) (15, fl. 126v)



Dar hu' sello	印用 o 信*印用 o 書圖印 o 書圖打 o 印*打 yín yuán . sín yín yuán . xū tū yín . xū tū tà . yín tà de homem ordinario . de Mandarim
---------------	--

Tal como referido no verbete anterior, 印 (*yìn*) representa o selo dos mandarins, que é de uso oficial, e 圖書 (*túshū*) o selo de uso privado. Desta vez surge mais uma alternativa, 印信 (*yìnxìn*), que Gonçalves (1831, p. 752) regista inicialmente com o significado de *selo de empregado*, e mais tarde como *selo particular* (Gonçalves, 1833, p. 70). Esta designação é, pois, mais genérica, podendo ser usada para referir o selo de uso privado ou o de uso oficial, nos órgãos governamentais (Luo, 1988, p. 516). Entretanto, tendo em conta que o verbete menciona o ato de *selar*, os equivalentes chineses incluem caracteres indicativos do mesmo: o carácter 打 (*dǎ*), que equivale a *bater* ou usar força sobre alguma coisa, o carácter 用 (*yòng*), que significa *usar*, e o próprio carácter 印 (*yìn*), indicando o ato de *selar*. Os lexemas 打印 (*dǎyìn*) e 打圖書 (*dǎtúshū*) que transmitem este ato também surgem registados em Gonçalves (1831, p. 752) como equivalentes do termo *selar*.

## 4. Conclusão

O códice 3306 da Biblioteca Nacional de Portugal, um dicionário de português-chinês anónimo, do século XVIII, oferece um amplo leque de lemas específicos com respeito à figura do mandarim e ainda alguns equivalentes chineses que se reportam a esta palavra portuguesa, a qual surge registada sob os caracteres chineses para identificação do seu significado etimológico ou distinção semântica relativamente a outros equivalentes. Ao longo da edição semidiplomática do mesmo, tornou-se evidente o valor da obra, inédita, no tocante ao aprofundamento das aceções desse termo, ao tipo de equivalentes propostos para cada um dos lexemas relativos à sua natureza e identidade, cargo, estudos e aspirações, carreira, vestuário, adereços que o distinguem, seus familiares, regalias,

<sup>21</sup> Tradução nossa de Tuo (1977, p. 3592), tomo 11:「在京三司糧料院，頻有人偽造印記，印成旁歷，盜請官物」.

instalações, atividades, atitudes, responsabilidades e contingências profissionais, instrumentos de trabalho, subordinados, etc. Estes elementos lexicográficos, apesar de sucintos por natureza, revelaram-se extremamente informativos no tocante a diversas vertentes da história, da cultura, das mentalidades, da sociedade e do quotidiano chinês anteriores ao século XIX.

A extração sistemática de todo esse conteúdo bilingue (lemas, explicações/significados e equivalentes), apresentado em edição semidiplomática e acompanhado de um estudo prévio, tendo excedido o dobro do tamanho máximo de um artigo, exigiu a separação desse material em duas partes, sendo esta a segunda, na sequência do artigo intitulado “A figura do mandarim num dicionário manuscrito de português-chinês do século XVIII”, já no prelo.

Cada um desses lemas e equivalentes tem tanta informação a oferecer como dúvidas e problemas a suscitar, exigindo a continuidade da investigação no âmbito linguístico diacrónico, histórico e sociocultural, tanto do chinês como do português.

Disponibilizada a edição integral desses verbetes, acompanhada pelas imagens do manuscrito, acreditamos que este estudo prévio possa promover o diálogo académico e investigação mais aprofundada da parte de especialistas das diversas áreas e períodos em estudo. Uma pesquisa bibliográfica mais alargada, partindo da comparação com outras obras da história do ensino-aprendizagem das línguas chinesa e portuguesa e da lexicografia bilingue, manuscritas e impressas entre os séculos XVI e XIX, trará certamente mais luz sobre algumas destas questões, aqui meramente esboçadas.

Como trabalho futuro, interessará ainda reunir, a partir da edição completa do manuscrito, já efetuada, todo o léxico chinês relativo ao mandarim que não foi identificado no dicionário pelo uso deste termo português.

## Referências

- Bluteau, R. (1712-1728). *Vocabulario portuguez, e latino [...] autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes e latinos...*, vols. I, II (1712), III e IV (1713), Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu; vols. V (1716), VI, VII (1720) e VIII (1721). Lisboa: Pascoal da Sylva.
- Cao, X. Q. (2015). 紅樓夢 [*Sonho do pavilhão vermelho*]. 21<sup>st</sup> Century Publishing House.
- Cheng, M. M. (2006). 北宋馆阁与文学研究 [*Estudo de Guange e da sua literatura na dinastia Song*] [Tese de Doutoramento, Universidade de Sichuan].  
<https://kns.cnki.net/KCMS/detail/detail.aspx?dbname=CDFD9908&filename=2006188692.nh>
- Chen, C. (2006). 明代品官命妇封赠制度初探 [Estudo preliminar sobre o regime de nobilitação das mulheres dos mandarins na dinastia Ming]. *Journal of Social Sciences*. 4(4): 158-161.
- Chen, S. (1964). 三国志 [*Registos dos Três Reinos*]. Zhonghua Book Company.
- Chen, Y. X., Zhang, H. D., & Wu, W. (Eds.). (2019). 孔庙国子监论丛 [*Atas do simpósio do templo de Confúcio e museu de Guozijian*]. China Social Sciences Press.



- Feng, S. (2016). 中国古文字学概论 [Zhōngguó gǔwénzìxué gàilùn / Introdução à paleografia chinesa]. China Social Sciences Press.
- Gonçalves, J. A. (1829). 漢字文法 (Hànzi Wénfǎ). In *Arte China, constante de alfabeto e gramática, compreendendo modelos das diferentes composições*. Real Colégio de São José.
- Gonçalves, J. A. (1831). 洋漢合字匯 (Yánghàn Hé Zìhuì). In *Diccionario portuguez-china no estilo vulgar mandarim e classico geral*. Real Collegio de São Jose.
- Gonçalves, J. A. (1833). 漢洋合字匯 (Hàn yáng Hé Zìhuì). In *Diccionario china-portuguez*. Real Collegio de São Jose.
- Ju, L. H. (1756). 印文考略 [Breve estudo sobre os selos e a linguagem]. Liu Geng Tang. <https://taiwanebook.ncl.edu.tw/en/book/NTUT-9910021130/reader>
- Li, J. H. (2010). 汉语委婉语研究 [Hànyǔ Wěiwǎnyǔ Yánjiū / Estudo do eufemismo na língua Chinesa]. China Social Sciences Press.
- Lou, J. (2015). 魏晋南北朝史的新探索 [Uma nova abordagem da história das dinastias Wei Jin Sul e Norte], *Atas da 11ª Conferência Anual e Simpósio Internacional da Sociedade Chinesa para a História das Dinastias Wei, Jin, Sul e Norte*. China Social Sciences Press.
- Lu, B. Q. (2008), “小姐”称谓研究 [Um estudo das formas de tratamento Xiaojie], [Tese de Mestrado, Universidade de Etnia de Guangxi].
- Luo, Z. F. (Ed.). (1986-1993). 汉语大词典 [Hànyǔ Dàcídiǎn / Grande dicionário da língua Chinesa] (Vols. 1-12). Shanghai Cishu Chubanshe.
- Niu, L. & Zhang, Q. Q. (2021). 明代乌纱帽考析 [Uma análise do chapéu de gaze preta da Dinastia Ming]. *Art & Design Research*, (03):45-52.
- Shu, T. (2008). 京剧(打严嵩)表演特色探析 [Análise das características da representação da peça de ópera de Pequim batendo no Yangsong]. *Chinese Theatre Arts*. (3. ed.). 84-87.
- Tuo, T. (1977). 宋史 [Sòngshǐ / História da dinastia Song]. Zhonghua Book Company.
- Wang, C. (Ed.). (1991). 中国谚语辞典 [Zhōngguó Yànyǔ Cídiǎn / Dicionário de provérbios chineses]. Shaanxi Sanqin Publishing House.
- Wang, T. Q. (2006). 中国古代印章史 [Zhōngguó gǔdài yìnzhāngshǐ / História antiga dos selos na China]. Shanghai People Publishing House.
- Wang, X. (2015). *O eufemismo e o disfemismo em português e chinês, na obra do P.<sup>e</sup> Joaquim Gonçalves*. [Tese de Mestrado, Universidade do Minho].
- Wei, Q. J. (2013). 十七世纪前中期汉语词汇研究. 以顺治朝内阁大库档案为例 [Estudo do vocabulário chinês da primeira metade do século XVII. Um exemplo dos arquivos do gabinete do tesouro da dinastia Shunzhi]. China Social Sciences Press.
- Wu, J. Z. (2018). 儒林外史 [Rúlín Wàishǐ / História dos letrados]. People's Literature Publishing House. (Primeira edição de 1750).
- Xi, W.Q. (2023). 秦汉文体史 [Qín hàn wén tǐ shǐ, História de estilo literário das dinastias Qin e Han]. China Social Sciences Press.



- Xia, Z. N. & Chen, Z. L. (Eds.). (2009). 辞海 [*Cí Hǎi, Dicionário de termos chineses*]. Shanghai Lexicographical Publishing House.
- Xu, S. (2007). 说文解字 [*Shuō Wén Jiě Zì / Explicação e análise de caracteres chineses*]. Shanghai Ancient Works Publishing House.
- Yu, Y. (s.d.). 右台仙館筆記 [*Yòutái Xiānguǎn Bǐjì / Notas de Youtai Xianguan*]. <https://archive.org/details/02099166.cn/page/n25/mode/2up>.
- Yuan, M. (1993). 袁枚全集 [*Yuán Méi Quán Jí / Obras completas de Yuan Mei*]. Editora dos Livros Antigos da Província de Jiangsu.
- Zhang, T. Y. (Ed.). (1974). 明史 [*Míng Shǐ / História da dinastia Ming*]. Zhonghua Book Company.
- Zhang, Y. S. (Ed.). (2002). 康熙字典 [*Kāngxī Zìdiǎn / Dicionário de Kangxi*]. Hanyu Dacidian Chubanshe.
- Zhao, E. X. (Ed.). (1977). 清史稿 [*Qīng Shǐ Gǎo / Esboço da história da dinastia Qing*]. Zhonghua Book Company. (Original de 1929).
- Zhao, Y. (1990). 陔余丛考 [*Gai Yu Cong Kao / Notas de Leitura*]. Edição com pontuação por Luan Baoqun e Lv Zongli. Hebei People Publishing House.
- Zhu, D. C. (1991). 关张马黄传第六 [*Guān Zhāng Mǎ Huáng Zhào Zhuàn dì liù / Biografia de Guan Yu, Zhang Fei, Ma Chao, Huang Zhong e Zhao Yun capítulo seis*]. 三国志今注今译 [*Comentários e Explicações sobre San Guo Zhi*]. Hunan Normal University Press. <https://archive.org/details/chen-shou-su-yuanlei-zhang-huikang-chen-shou-san-guo-zhi-jin-zhu-jin-yi-hunan-sh/page/1924/mode/2up>

[recebido em 30 de junho de 2024 e aceite para publicação em 10 de abril de 2025]